



COLÔMBIA

Com De la Espriella, a ultradireita no poder

Apuração preliminar oficial aponta a vitória do advogado antissistema, apoiado pela Casa Branca, com menos de um ponto percentual à frente do adversário, que anuncia a decisão de contestar os resultados em milhares de seções eleitorais

As urnas da Colômbia explicaram, ontem, um país rachado ao meio. Após um surpreendente desempenho no primeiro turno, que contrariou as pesquisas e lhe garantiu a liderança com folga, o advogado Abelardo de la Espriella saiu vitorioso nas eleições presidenciais com apenas um ponto percentual de vantagem, segundo a contagem preliminar oficial. Com 99,9% das urnas apuradas, o neopolítico de extrema-direita tinha 49,65% dos votos contra 48,7% conferidos ao senador Iván Cepeda (77%), uma diferença de 246.355 votos.

O resultado frustra o projeto de continuidade da esquerda — pela primeira vez no poder com o presidente Gustavo Petro — no comando do país. Apoiado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, De la Espriella tomará posse em 7 de agosto.

“Obrigado, Colômbia”, disse o eleito em um vídeo compartilhado em suas redes sociais, no qual celebrou os resultados preliminares. Pouco depois, em transmissão ao vivo no X, ele disse que Trump o cumprimentou pela conquista. “Falei há minutos com o presidente dos Estados Unidos e ele expressou seu apoio, seu reconhecimento à nossa vitória.”

Como no primeiro turno, Petro não reconheceu a derrota, assinando, também em rede social, que se deve esperar a apuração oficial. “Nenhum presidente pode ser proclamado ainda; o público deve manter a calma”. Cepeda, por sua vez, anunciou que a coalizão Pacto Histórico, pela qual foi candidato, contestará os resultados em 33 mil seções eleitorais em todo o país.

Violência

A eleição do milionário antissistema, de 47 anos, ocorre num contexto crítico de insegurança no país. A assinatura do acordo de paz com a guerrilha das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), em 2016, garantiu alguns anos de calma à Colômbia. Mas, uma década depois, o país enfrenta uma grave onda de violência, marcada por atentados com carros-bomba, drones explosivos e o assassinato de um candidato presidencial.

De la Espriella, que se autodenomina El Tigre, culpa Petro, a quem chama de “chefe da máfia”, pela situação. Durante a campanha, o político antissistema disse que buscará apoio dos Estados Unidos e de Israel para lançar uma ofensiva de 90 dias contra a guerrilha, com bombardeios e fumigação de plantações de drogas no maior produtor de cocaína do mundo.

A vitória de Abelardo de la Espriella, de nacionalidades colombiana e norte-americana, cristaliza ainda a ascensão de governos de direita na América do Sul, alinhados com o pensamento de Trump. Nesse grande tabuleiro da região, as atenções se voltam, agora, para as eleições presidenciais de outubro no Brasil, que tem em Flávio Bolsonaro (PL) — principal adversário do presidente Luiz Inácio Lula da Silva — um político alinhado com Trump.

Após a divulgação dos resultados preliminares, eleitores do futuro presidente ocuparam as ruas de Bogotá e de outras cidades do país para comemorar. “Estamos todos felizes, queremos essa mudança para o país. Foram quatro anos em que o meu setor da construção foi muito afetado”, disse à agência de notícias France Presse (AFP) o engenheiro civil Raúl Vásquez, 41, em Barranquilla, reduto político de De la Espriella.

“Hoje, jogamos a partida mais importante da história da Colômbia. Hoje, decidimos o futuro do nosso país e o futuro dos nossos filhos. Com a ajuda de Deus e o apoio de milhões de colombianos, venceremos essa batalha democrática”, enfatizou De la Espriella ao votar em Barranquilla.

“Ele se conecta com um eleitorado que já está cansado da insegurança e que precisa de soluções de choque”, observou Luisa Lozano, especialista da Universidade de La Sabana. Além disso, encarna um modelo “inspirador” de “empresário que construiu sua fortuna”, destacou.

Apesar disso, sem maioria na Câmara e no Senado, governar será um desafio que exigirá destreza de De la Espriella. Especialistas apontam como incôgnita a relação com o Legislativo.

Jaime Saldarriaga/AFP



Hoje, jogamos a partida mais importante da história da Colômbia. Hoje, decidimos o futuro do nosso país e o futuro dos nossos filhos”

Abelardo de la Espriella, presidente eleito da Colômbia

Raul Arboleda/AFP



O senador Iván Cepeda, apadrinhado por Petro: recurso

Perfil

Ascensão vertiginosa

Aos 47 anos, o advogado milionário Abelardo de la Espriella se converteu em um fenômeno político. Em alguns meses, o outsider, apelidado de O Tigre, capitalizou o desencanto com a classe política e com a esquerda para chegar à Casa de Nariño, sede do governo colombiano.

Apoiado por Donald Trump, De la Espriella deixou para trás uma vida de luxo na cidade italiana de Florença para disputar pela primeira vez um cargo eletivo após anos dedicados à defesa de paramilitares, narcotraficantes, políticos envolvidos em corrupção e estrelas do futebol.

Mergulhou na campanha com um discurso radical que despertou entusiasmo entre seus apoiadores e temor entre seus críticos. Nos comícios, prometeu “reconstruir a República”, recuperar a segurança e tornar-se um “inimigo ferrenho” da esquerda.

Após deixar a direita tradicional fora do segundo turno, adotou um discurso antissistema. “A toda essa máfia que governa mal a Colômbia, digo: aqui há uma matilha, há um povo que não se ajoelha”, ressaltou na reta final da campanha.

Convencido de que pode transformar o Estado em uma empresa próspera, tem como inspiração os presidentes argentino, Javier Milei; salvadoreno, Nayib Bukele; além, claro, de Trump.

Casado com a empresária colombiana Ana Lucía Pineda, com quem tem quatro filhos, ele afirma ter “coragem” para governar com “mão de ferro” o país com a maior produção de cocaína do mundo. “Bandido que não se submeter (à Justiça) será abatido”, avisou.

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Após ameaça de Trump, Irã abandona negociação

Nathan Howard/POOL/AFP



O chanceler iraniano, Abbas Araqchi, chega para a reunião: impasse

Uma postagem do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em sua rede social azedou a finalização do frágil acordo de cessar-fogo no Irã. A delegação da República Islâmica se retirou da sala de um resort na Suíça, onde ocorreriam as negociações com os norte-americanos, liderada pelo vice-presidente J. D. Vance, após o chefe da Casa Branca ameaçar novos ataques ao território iraniano. O anúncio da interrupção da reunião foi feito pela agência estatal iraniana Irna.

“O Irã deve parar imediatamente seus ALIADOS bem pagos no Líbano de causar problemas”, escreveu Trump no Truth Social. “Se não pararem, vamos atingir o Irã com muita força novamente, assim como fizemos na semana passada, só que com mais força ainda!!!”, acrescentou o líder norte-americano.

Segundo a Irna, as conversas, mediadas por Paquistão e Catar, “entraram em uma fase difícil após 80 minutos de discussões”, por conta da

postagem. “A delegação da República Islâmica do Irã deixou o edifício onde as negociações estavam sendo realizadas”, divulgou a agência.

Uma fonte com conhecimento das conversas afirmou à agência de notícias France Presse (AFP) que “a delegação iraniana permanece comprometida com as negociações e não comunicou aos mediadores nenhuma intenção de se retirar delas”.

O Irã aconselhou os Estados Unidos a “medir suas palavras”, uma demonstração da tensão em torno do começo das negociações que buscam concluir, na Suíça, um memorando de entendimento para encerrar a guerra no Oriente Médio.

Na primeira cláusula do protocolo de acordo assinado na semana passada pelos presidentes dos Estados Unidos e do Irã, Masoud Pezeshkian, os dois países firmam o compromisso de “se abster de ameaças ou do uso da força entre si”.

A troca de advertências ocorreu

logo após o início das negociações entre as delegações norte-americana e iraniana em um hotel nos Alpes suíços.

Os participantes esperam que as discussões levem, em um prazo prorrogável de 60 dias, a um acordo final que encerre a guerra no Oriente Médio, uma hostilidade que já deixou milhares de mortos e afetou a economia mundial.

O vice-presidente americano descreveu o encontro como histórico e expressou esperança de “virar a página e transformar” a relação de seu país com o povo iraniano.

Ormuz

As negociações começaram em meio a confrontos no Líbano entre Israel e o movimento islamita pró-Irã Hezbollah, apesar de o memorando de entendimento prever o fim das hostilidades em todas as frentes. Em retaliação, Teerã anunciou, no sábado, o fechamento do Estreito de Ormuz.

O porta-voz da chancelaria iraniana, Esmail Baqaei, advertiu que não será possível selar nenhum acordo com Washington se as hostilidades não cessarem no Líbano.

Em meio às hostilidades, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, reiterou que seu exército permanecerá no sul do Líbano pelo “tempo que for necessário”. Por sua vez, o chefe do Hezbollah, Naim Qasem, rejeitou a criação de uma zona de segurança israelense no sul libanês.

Mais otimista, o vice-presidente americano disse, ao desembarcar na Suíça, que havia observado “progressos consideráveis” nos últimos dias “para garantir que o cessar-fogo seja mantido no Líbano”.

Em um sinal de distensão, Israel anunciou, na noite de ontem, que vai levantar, a partir de hoje, as restrições de uma zona de segurança no norte do país, perto da fronteira com o Líbano.